

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

IMAGENS DA MODERNIDADE EM JACOBINA

Narrativas fotográficas em um contexto desenvolvimentista (1955-1963)

Valter Gomes Santos de Oliveira*

RESUMO: O presente trabalho consiste numa abordagem em torno da relação entre fotografia e cidade. O objeto de análise são as fotografias produzidas sobre a cidade de Jacobina, interior da Bahia, entre 1955 a 1963. Este período foi marcado pela influência na cidade das idéias desenvolvimentistas, de progresso e de modernidade, identificados nas imagens de intervenções urbanas, de edificações, ou dos aspectos da sociabilidade, produzidas através das lentes dos fotógrafos. O estudo investiga a cidade de maneira fragmentária e a partir dos seus espectadores fotográficos, procurando analisar através deles ícones da modernidade em Jacobina.

Palavras-chave: Fotografia, Cidade e Modernidade.

ABSTRACT: The present work consists on an approach around the relationship between photography and city. Photographs produced about the city of Jacobina, inland of Bahia, between 1955 and 1963 are the object of analysis. That period was marked in the city by the influence of the developmental ideas of progress and modernity, identified in the images of urban interventions, buildings or the aspects of sociability, produced through the lenses of the photographers. The study investigates the city in a fragmentary manner and from its photographic beholders, aiming to analyze icons of modernity in Jacobina through them.

Keywords: Photography, City and Modernity.

Fotografia e Cidade

Quando a fotografia foi inventada, no princípio do século XIX, os primeiros fotógrafos direcionaram suas lentes para o ambiente das cidades. O primeiro daguerreótipo, em 1839, é uma imagem de Paris. Podemos dizer com isso que a fotografia é um produto urbano. Ela é fruto das experiências químicas e físicas que se desenvolveram na atmosfera científica propalada pela era das Luzes. Não obstante, as primeiras impressões sobre o invento giravam em torno de explicações que pendiam para as esferas do misticismo. Acreditando que o “equipamento demoníaco” roubaria a alma dos indivíduos, ou que a imagem do homem, semelhante à de Deus, não poderia ser fixada por mecanismos humanos, a fotografia foi alvo de teorizações extremistas. Walter Benjamin fala deste momento como tendo sido o primeiro

* Professor de História da UNEB e mestrando em História Social pela UFBA, onde desenvolve pesquisa sobre as fotografias de Osmar Micucci e a cidade de Jacobina, sob orientação da profa. Dra. Heloisa Costa.

embate enfrentado pela fotografia na busca pela sua afirmação. Segundo ele, estes debates não chegaram a quaisquer resultados positivos, visto que eles “tentaram justificar a fotografia diante do mesmo tribunal que ela havia derrubado” (BENJAMIN, 1985: 92).

Foi nesse ambiente que a fotografia, dividindo-se entre as idéias de magia, técnica e de arte, encontrou na cidade o espaço de sua grande utilidade. Ela se desenvolveu tecnicamente paralelo ao surgimento das grandes metrópoles. A fotografia foi bastante utilizada, tanto pela novidade quanto pelo seu caráter documental. A cada desafio apresentado para os fotógrafos, novas técnicas surgiam para dar conta de registrar cenas das cidades que se modernizavam. Esses ambientes urbanos foram palcos de intensas mutações técnicas, físicas e sociais e tiveram na fotografia o depositário da sua memória.

Se, no século XIX, a Europa se lança na via do progresso, ela não deixa de expressar menos ainda seu interesse pelo passado e sua consciência da História. Inventada, dominada no mesmo momento em que nasciam as metrópoles européias, Londres, Paris, Berlim, a fotografia é convocada a prestar contas destas transformações estruturais, profundas e rápidas (MONDENARD, 1981: 107).

Os fotógrafos foram convidados a dar conta de registrar os espaços das fábricas e do seu aparato tecnológico, as transformações do tecido urbano com o alargamento das ruas, destruições dos casebres e ambientes rústicos, característicos do passado pré-industrial, para dar espaço a um novo cenário amplo e higienizado, condizente com a fase civilizatória emergente. As burguesias triunfantes, espalhadas por diversos países, tiveram suas imagens materializadas através das fotografias produzidas nos estúdios, cada vez mais presentes nas grandes cidades como uma novidade de consumo.

O fotógrafo emergia na sociedade oitocentista como um espectador privilegiado das cidades. Cobrindo grandes eventos públicos, acompanhando as reformas nas velhas cidades e o crescimento das novas e retratando o cotidiano das sociedades, este novo personagem carregava como característica da sua profissão a importância de ser testemunha ocular da vida urbana.

No início do século XX, com a rápida difusão da fotografia no Brasil, muitos fotógrafos passaram a prestar serviços no interior do Estado da Bahia. Em Jacobina a novidade técnica chegou por volta dos anos 10 quando do período se encontraram algumas imagens do seu centro. No entanto, foram durante os anos desenvolvimentistas, nas administrações de Orlando Pires (1955-1959) e Florivaldo Barberino (1959-1963), marcados por grandes transformações no cenário urbano de Jacobina, que o fotógrafo Osmar Micucci

produziu uma série de fotografias, hoje bastante significativas como indícios visuais¹ daquele momento singular da história da cidade.

Um fotógrafo em Jacobina

A inserção da fotografia no cotidiano da sociedade moderna é uma evidência. Desde que foi criada, seu uso se deu em diversas áreas: documentos pessoais, criminologia, ciências, registros familiares, administrações públicas e privadas, e em mais outros diversos campos. A presença da fotografia é algo comum nos dias de hoje e sua influência na vida das pessoas é tão perceptível, que a historiadora Maria Inez Turazzi, ao se referir ao seu aspecto no Brasil fala em “cultura fotográfica” nacional por considerar a existência de uma cultura fotográfica mundial. Conforme a autora:

A cultura fotográfica, portanto, é também uma das formas da cultura, idéia reforçada pelo argumento de que a fotografia foi e continua sendo um recurso visual particularmente eficaz na formação do sentimento de identidade (pessoal ou coletiva), materializando em si mesma uma “visão de si, para si e para o outro”, como também uma “visão do outro” e das nossas diferenças (TURAZZI, 1998: 9).

Considerando a existência de uma cultura fotográfica no Brasil, com o desenvolvimento de técnicas e singularidade temáticas, percebemos suas marcas também na cidade de Jacobina. Acreditamos que a fotografia cumpriu (e ainda cumpre) nesta cidade um papel importante na formação do “sentimento de identidade” a que a autora se refere.

Preocupada em registrar e se ver registrada naquele contexto importante para a história de Jacobina, a sociedade local encontrou na fotografia a maneira de materializar visualmente aqueles momentos. O reduzido número de fotógrafos da cidade foi, portanto, convidado a dar conta de cobrir as cenas públicas e privadas do seu cotidiano². Esses profissionais normalmente faziam parte dos setores médios da sociedade da época e eram quase todos migrantes ou filhos deles, oriundos de cidades vizinhas.

Osmar Micucci de Figueiredo nasceu em 1938 na pequena cidade de Djalma Dutra, interior da Bahia. Ainda criança sua família se mudou para Jacobina. Filho de pai

¹ Fazemos uso da expressão “indício visual” valendo-nos do que disse Peter Burke em *Testemunha Ocular* quando chama a atenção para a utilidade do uso da idéia de “indício” em substituição ao de “fonte”. Queremos chamar a atenção para a presença de intermediários em todo processo de produção da imagem fotográfica, desde o fotógrafo até o observador que faz uso da fotografia.

² Através de dados obtidos a partir da pesquisa que desenvolvemos junto ao Núcleo de Estudos de Cultura e Cidade (NECC) no *campus* da UNEB em Jacobina, intitulada *A Memória Fotográfica de Jacobina: investigações sobre os fotógrafos e suas obras na cidade*, até o momento cadastramos a existência de 8 fotógrafos atuando com estabelecimento na cidade no período desse estudo (1955-1963); sendo que, nos anos 50 com apenas 3; nos anos 60 aumentando para 6 e já nos 70 o número ampliou para 12. Possa ser que tenham existido outros, mas até agora sem nenhuma informação precisa ou até de obras dos mesmos.

comerciante e fotógrafo nas horas vagas, Micucci aprendeu desde cedo a mexer com a câmara fotográfica dele, fazendo suas primeiras imagens com treze anos de idade. Pelo gosto que tinha em fotografar e necessidade financeira da família após o falecimento do pai, ele decidiu seguir a profissão de fotógrafo, tendo que se firmar na cidade quando ali já existiam outros profissionais trabalhando no mesmo ramo.

Jacobina desde os anos 30 atraiu um imenso contingente populacional, que para ali correu em busca de melhores condições. Filhos de pais que não conseguiram garantir-lhes uma formação universitária na capital, como os profissionais dos segmentos abastados, a exemplo dos médicos, advogados, engenheiros que compunham a sociedade local; nem desprovido de qualificação profissional, como os diversos trabalhadores pobres que partiam da zona rural para a cidade em busca de trabalho; os fotógrafos, como profissionais autônomos e autodidatas, procuravam se firmar na profissão valendo-se do aprimoramento das técnicas fotográficas, da afinidade que possuíam no meio social ou até através de vinculações políticas a determinados grupos. A ascensão social e profissional tem muitas variáveis, como disse Pierre Bourdieu, ao analisar as trocas simbólicas:

A posição de um indivíduo ou de um grupo na estrutura social não pode jamais ser definida apenas de um ponto de vista estritamente estático, isto é, como posição relativa (“superior”, “média” ou “inferior”) numa dada estrutura e num dado momento. O ponto da trajetória, que num corte sincrónico apreende, contém sempre o sentido do trajeto social (BOURDIEU, 1974: 7).

Vê-se que o fotógrafo no universo cultural de uma pequena cidade, como Jacobina, em um contexto marcado por transformações do seu espaço urbano e tecnológico, como o caso da década de 50, foi visto como o artífice privilegiado para produzir as imagens necessárias para dar conta daquele momento especial. Na era da mídia visual nos grandes centros urbanos, caracterizada pelo nascimento da televisão e por estar em auge o cinema, em Jacobina a fotografia cumpriu quase que exclusivamente este papel midiático. Dessa forma, a posição ocupada pelo fotógrafo foi a de um profissional de destaque, ou seja, o sentido do trajeto social era de ascensão naquela sociedade. Ascensão garantida seja pelo caráter da profissão ou pelo mérito particular de cada um deles. Em seu depoimento acerca da profissão Osmar Micucci fala que:

(...) a minha profissão, esse foi o maior ganho que eu tive em todas as áreas porque eu com o tempo fui ganhando a confiança pela integridade e ética que eu sempre tive, essa ética na fotografia fez eu penetrar - volto a repetir - em todas as camadas

*sociais e daí pra mim, eu acho, o maior crescimento que tive foi esse, mais do que o financeiro (...)*³

Percebe-se pela fala e imagens do fotógrafo que ele foi capaz de transitar em diversos espaços da vida privada dos variados segmentos sociais, como também dos eventos públicos, e produzir as imagens que muitos queriam ver materializadas nos diferentes suportes fotográficos. Durante as administrações municipais de 1955 a 1963, em que a cidade passava por transformações, Micucci firmou seu nome como o fotógrafo mais importante de Jacobina.

Imagens da modernidade na cidade

Para ter uma idéia das transformações ocorridas no espaço urbano de Jacobina a partir da segunda metade da década de cinquenta, em primeiro lugar, é bom levarmos em conta que em 1955 os limites do centro administrativo, comercial e religioso da cidade estavam circunscritos a uma pequena área ao lado sul do Rio Itapicurú-Mirim, formada por algumas ruas próximas as suas principais praças: a Castro Alves, onde se localiza a Igreja Matriz e os casarios mais antigos da urbe; a Rio Branco, onde funcionava a sede do executivo e legislativo e o seu principal centro comercial; e a Dois de Julho, ainda sem beneficiamento de infra-estrutura, principal via de expansão urbana na direção oeste.

No segmento norte do Rio Itapicurú-Mirim estavam localizados entre os principais vetores da expansão urbana para aquela direção, a estação de trem, onde funcionava nas suas imediações um centro comercial de armazéns de cereais e demais produtos agrícolas, e o ginásio “Deocleciano Barbosa de Castro”, importante centro educacional da região. Ainda em 1955, esta área carecia de serviços básicos, como saneamento e pavimentação nas suas principais ruas. As vias de acesso entre as duas áreas da cidade eram as pontes Manoel Novais, erigida em 1937, e uma outra de madeira, que sempre quando chovia e transbordava o Rio Itapicurú-Mirim ficava intransponível. Foi somente em 1960, na administração do prefeito Florivaldo Barberino, que uma ponte de concreto armado foi construída, pondo fim a um longo problema de locomoção de pessoas e veículos.

Acompanhando a expansão urbana de Jacobina entre os anos de 1956 a 1960, Osmar Micucci, dentro de um contexto da história da fotografia local, produziu um conjunto de fotografias panorâmicas em que demonstra tanto o seu olhar atento de espectador da cidade

³ Entrevista com o senhor Osmar Micucci realizada em 13 de maio de 2005.

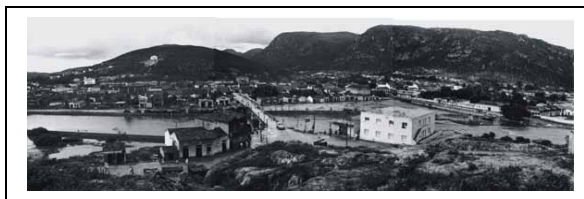
quanto à atitude documentarista de garantir para a população local os registros daquele momento de transformações da sua paisagem.

Encontramos entre os negativos do acervo de Osmar Micucci algumas vistas panorâmicas que demonstram a paisagem urbana de Jacobina naquele contexto, como uma onde o autor produziu rara imagem da área sul da cidade. Este tipo de fotografia era bastante significativo na época pela capacidade de apresentar a cidade em grande dimensão, sugerindo uma idéia de grandiosidade ao objeto da cena. É o que se percebe na imagem 1. Nela se pode observar a existência de duas ruas principais, ambas ligando à estação de trem e ao ginásio estadual. Nota-se no canto direito que a Ponte Francisco Rocha Pires, que liga os dois lados cortados pelo Rio Itapicurú-Mirim, estava em fase de construção, o que indica que a imagem tenha sido feita no ano de 1960. Em outro acervo do fotógrafo, comprovamos que ele documentou as obras da referida ponte.

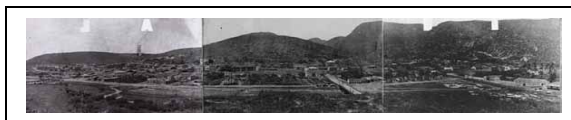


(1) *Panorama de Jacobina. 1960. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo.*

Na imagem 2, observa-se a cidade no seu segmento norte. Notamos que nela Micucci procurou dialogar com imagens de outros fotógrafos que também direcionaram suas câmaras para a mesma direção na cidade. Em 1957, Aurelino Guedes produziu uma vista panorâmica com cinco fotografias (5), seguindo o mesmo enquadramento feito pelo fotógrafo Juventino Rodrigues (4), em 1948, e por outra panorâmica anterior (3), Guedes produziu do mesmo local uma imagem onde se visualiza a cidade em grande ângulo. Sugerindo uma comparação com as imagens precedentes, tudo indica que Micucci quis demonstrar a evolução urbana depois de mais de uma década na cidade. Durante aquele período desenvolvimentista, o diálogo com o passado, feito na fotografia, servia tanto para demonstrar o quanto o espaço urbano da cidade evoluía como a própria técnica fotográfica.



2) *Panorama de Jacobina. 1960. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo.*



(3) *Panorama de Jacobina. Década de 1940. Autor não identificado. Acervo do Centro Cultural Luis Eduardo Magalhães (fotocópia).*



(4) *Panorama de Jacobina. 1948. Foto Juventino Rodrigues. Acervo particular Lindêncio Ribeiro (reprodução).*

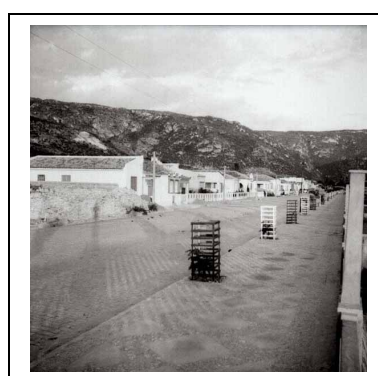
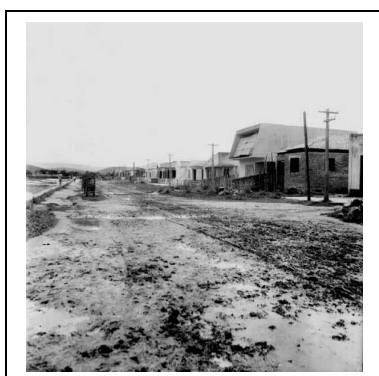
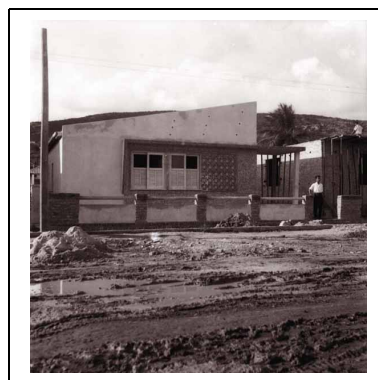
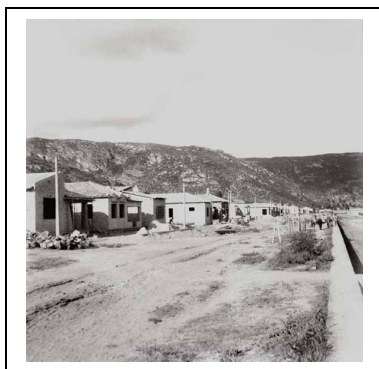


(5) *Panorama de Jacobina. 1957. Foto Aurelino Guedes. Acervo Memória Fotográfica de Jacobina (cópia digitalizada)*

Adentrando o espaço interno da cidade naquele período, Osmar Micucci foi o fotógrafo mais atento às transformações ali ocorridas, sendo aquele que também mais prestou serviços para as administrações da prefeitura. Entre centenas de fotografias, produzidas para prefeitura, terceiros ou até pela percepção espontânea, ele deixou um grande conjunto de imagens que narram essas metamorfoses ocorridas na feição urbana e nos hábitos sociais da cidade.

Dentro da administração de Orlando Pires (1955-1959) a construção da Avenida Beira-Rio foi uma das obras mais significativas no aspecto da infra-estrutura e que contribuiu de forma decisiva para a alteração da feição urbana de Jacobina. A abertura de avenidas nas grandes cidades já era do conhecimento da elite letrada de Jacobina. As intervenções vividas por Paris, Rio de Janeiro e Salvador, certamente estavam no imaginário modernista daqueles que almejavam fazer da pequena cidade um modelo de civilidade no sertão baiano. O próprio prefeito Orlando Pires já conhecia de perto as experiências da capital baiana e brasileira na época. No entanto, a abertura da nova Avenida em Jacobina não se deu com a derrubada de velhos casarões seculares, como em Salvador e Rio de Janeiro. Ali foi preciso indenizar

terrenos dos fundos das residências das ruas Rio Branco e Coronel Teixeira para a construção de novas residências voltadas para o Rio Itapicurú-Mirim. Pelas imagens de Micucci se observam que ele acompanhou o nascimento da Avenida ao longo dos anos, documentando obras públicas e privadas, como as construções das residências.

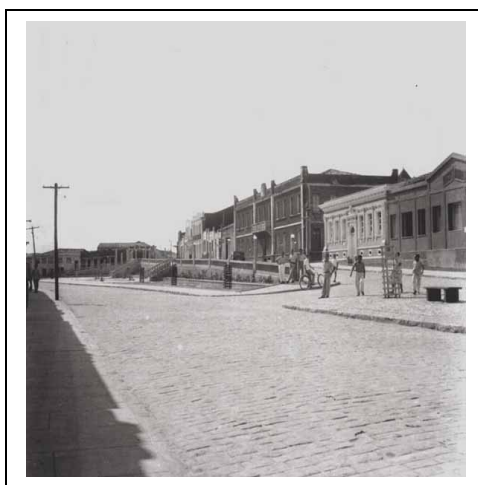


(6-9) Avenida Beira-Rio ao longo da segunda metade da década de 50. Fotos: Osmar Micucci
(Acervo particular do fotógrafo)

A preocupação com a estética das ruas e praças era sempre um imperativo entre os defensores de um programa de modernização para Jacobina, o que leva a crer que a busca pela aparência era o primado para fazer dali uma cidade moderna (FABRIS, 2000). Até o final da década de cinquenta as principais ruas de Jacobina não possuíam pavimentação ou então eram de pedra. A preocupação com o asseio público e a estética das ruas moveu o único jornal local, o *Vanguarda*, a ser porta-voz de uma discurso higienista e modernizante. Segundo o jornal, não era condizente para uma cidade que se dizia moderna e civilizada, a permanência de esgotos abertos em suas principais ruas sem pavimentação, como a 24 de Outubro e a Coronel Teixeira, a “Baixa dos Sapateiros” de Jacobina. Afinal, que péssima impressão não levaria o visitante que trafegasse por tais vias? Portanto, uma das tônicas do discurso da imprensa era a necessidade da solução dos esgotos na cidade, principalmente nas suas artérias centrais, visto serem áreas de circulação das elites e visitantes⁴.

⁴ Jornal *Vanguarda*, de 22 de maio de 1955. (*Jacobina e o problema dos esgotos*) p.1.

Ainda no primeiro ano de mandato, Orlando Pires em nome do asseio público e da estética moderna colocou tambores de lixo nas “principais ruas”, distribuiu fardamento aos garis⁵, reiniciou e inaugurou o calçamento com paralelepídeos da Rua Senador Pedro Lago e Praça Rio Branco, e ainda iniciou a pavimentação da Rua Cel. Teixeira. Como parte do discurso, o *Vanguarda* teceu elogiosas palavras ao jovem administrador, como sendo aquele “dinâmico prefeito” que esteve “preocupado com os estudos dos múltiplos problemas da nossa comuna”⁶. Na imagem 10 nota-se que Osmar Micucci destacou quase metade da cena na Praça Rio Branco para a rua calçada com paralelepídeos, o que provavelmente poderia ser uma alusão à novidade estética urbana promovida pela administração de Orlando Pires.



(10) Praça Rio Branco. 1956. Foto: Osmar Micucci (Acervo particular do fotógrafo)

No plano urbanístico, algumas construções e serviços surgidos ou acentuados durante as administrações de Orlando Pires (1955-1959) e Florivaldo Barberino (1959-1963), contribuíram como vetores de direcionamento da cidade, promovendo o crescimento para áreas mais afastadas do seu centro administrativo. A este respeito, merecem destaques o aeroporto, inaugurado em 1957 e o matadouro, em 1962, colaborando para a expansão em direção ao segmento oeste, ali surgindo novos bairros, como da Caeira e da Catuaba. Com o surgimento da estação de trem da Leste Brasileiro nos anos 30, o Ginásio Deocleciano Barbosa de Castro, transformado em instituição estadual em 1954, e com o Hospital Regional nos anos sessenta, bairros como Serrinha, Índios e Perú foram cada vez mais se dinamizando e promovendo a expansão de residências e ruas em direção ao sul, ou seja, ao lado direito da margem do Rio Itapicurú-Mirim, reforçando para isso a construção da Ponte Francisco Rocha Pires, em 1960. Através de obras como a Usina Termoelétrica, de 1957, e construção da Praça

⁵ Jornal *Vanguarda*, de 5 de junho de 1955. (*Tem melhorado o asseio da cidade*) p.1

⁶ Jornal *Vanguarda*, de 19 de junho de 1955. (*O prefeito começa a executar o seu programa administrativo*) p.1

Miguel Calmon em 1962 houve uma expansão urbana em direção ao bairro da Bananeira, segmento leste da cidade. Em 1959 com a construção no alto da serra de uma caixa reservatória de água para o abastecimento na cidade, houve a partir dali um espontâneo adensamento de residências que mais tarde levaria ao surgimento do Bairro da Caixa D'água. Aliados a isso, foram construídos e reformados algumas praças e diversas ruas pavimentadas, contribuindo para o incremento do projeto modernizador promovido pelas duas administrações.

Percebe-se então que aquela cidade que iniciava a década de 50 com o perfil de vila chegavam aos anos 60 com uma rede de obras de infra-estrutura responsáveis pela metamorfose de sua fisionomia urbana. Almejava-se atingir o padrão estético das urbes modernas. À fotografia coube a tarefa de documentar aquela fase desenvolvimentista em Jacobina. E foi o fotógrafo Osmar Micucci que, acompanhando as transformações, esteve presente como profissional e observador atento, documentando e construindo através de suas imagens os perfis da modernidade desejados para a cidade.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. “Pequena História da Fotografia”. In: *Obras escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Brasiliense: São Paulo, 1985.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & Fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica: Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- FABRIS, Annateresa. *Fragmentos Urbanos: Representações culturais*. São Paulo: Studio Nobel, 2000.
- MONDENARD, Anne de. “A Emergência de um Novo Olhar Sobre a Cidade: As Fotografias Urbanas de 1870 a 1918”. In: Projeto História: Revista do programa de estudos pós-graduados em história da PUC_SP. São Paulo: Educ, 1981.
- TURAZZI, Maria Inez. “Uma Cultura Fotográfica” in: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Fotografia*. Nº 27. São Paulo: IPHAN, 1998.